

Diversidade epistemológica e circulação do conhecimento nas Teorias da Comunicação

Angela Cristina Salgueiro Marques¹

Luis Mauro Sá Martino²

Resumo: Este texto discute as proposições de Silva (2017) acerca da posição dos estudos sobre América Latina na Teoria da Comunicação. Baseado em pesquisa quantitativa, o autor indica a pouca presença dessa temática nas principais revistas acadêmicas brasileiras. Ampliando esse argumento, este texto discute questões metodológicas responsáveis por compor um quadro de ausência de diversidade na Teoria da Comunicação. O texto se desenvolve em três partes: (a) a chamada Teoria da Comunicação é um grupo de propostas criados por poucos pesquisadores, em espaços e tempos específicos; (b) é necessário, no entanto, tomar cuidado com associações mecanicistas dessa proposição; (c) a ausência de diversidade poder ser pensada a partir das contradições na produção sobre Comunicação, tanto quanto suas condições sociais e econômicas de formulação.

Palavras-chave: Teoria da Comunicação. Diversidade. Epistemologia. Política.

Abstract: This text carries on the argument with Silva (2017) concerning the position of Latin-American Studies in Communication Theory. The author claims, grounded on quantitative research, that there is a small room for Latin American studies in some of the main Brazilian academic reviews. Although we generally agree with his assumptions and findings, there are some methodological and theoretical issues that may be concerned to compose a bigger picture of the lack of diversity in Communication Theories. The argument develops threefold: (a) Communication Theory is actually a group of proposals designed by a handful of researchers; (b) however, one must be careful not to mechanically assign ideas to any determinations; (c) this contradiction might be solved by taking into the account the contradictions of academic production in Communication, as much as its social and economical constraints.

Keywords: Communication theory. Diversity. Epistemology. Politics.

¹ Doutora em Comunicação Social pela UFMG e professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social dessa mesma instituição. Pós-doutora em Comunicação Social pela Université Stendhal - Grenoble 3. E-mail: angelasalgueiro@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: lmsamartino@gmail.com

Introdução

Mas já faz muito tempo que passamos da época em que falantes nativos de inglês deviam ter prioridade na pesquisa em Comunicação! (COULDRY; HEPP, 2013) [1]

A consideração de Couldry; Hepp (2013), no editorial de uma edição da revista *Communication Theory*, sobre o conceito de midiatização, provoca um questionamento: se, de fato, falantes nativos de inglês não têm mais “prioridade” na pesquisa, em que medida isso significa algum tipo de incremento na diversidade dos temas, conceitos e pesquisas? Ao longo das últimas décadas, o crescimento de pesquisas realizadas por equipes mistas de pesquisadores, ou fora dos centros de produção já consagrados, parece ter aumentado. No entanto, é questionável em que medida existe, de fato, uma maior circulação de temas, ideias, autoras e autores.

Este texto problematiza algumas questões relacionadas às questões da diversidade na produção teórica da Comunicação tomando como ponto de partida a continuação de um diálogo com o texto de Silva (2017), apresentado no GT Epistemologia da Comunicação do 26o. Encontro da Compós.

O autor, a partir de pesquisa bibliográfica, estuda a presença da América Latina na pesquisa brasileira em Comunicação, tomando como objeto três revistas qualificadas no estrato Qualis A2 da CAPES. Mais do que uma crítica ou um elogio, procura-se situar a pesquisa dentro de uma perspectiva contextual da diversidade epistemológica na Teoria da Comunicação.

Em outras palavras, como pergunta inicial, qual a relação entre a diversidade epistemológica e os espaços de produção teórica da Comunicação?

O problema da diversidade no âmbito das Teorias da Comunicação tem atraído a atenção de pesquisadores e pesquisadoras de maneira recorrente. Os problemas relacionados à diversidade teórica e epistemológica dentro dos estudos de Comunicação, apontados por diferentes autores – veja-se L. C. Martino (2007), L. M. Martino (2008) ou Braga (2010) – permitem entrever uma unidade histórica e geográfica, às quais poderiam ser acrescentados elementos homogêneos em termos de gênero e etnia, relacionados à elaboração e circulação do pensamento epistemológico da área.

Em linhas gerais, a par da dispersão epistemológica, parece não existir grande diversidade em termos de produção, na medida em que o possível cânone dos estudos de Comunicação se pauta, fundamentalmente, em teorias elaboradas na Europa e Estados Unidos, ao longo dos últimos oitenta anos.

L. M. Martino (2017), pesquisando os 43 livros intitulados Teoria da Comunicação publicados no Brasil entre 1969 e 2016, assinala que dos 12 conjuntos de conceitos apresentados como Teorias da Comunicação nesses trabalhos, apenas a Teoria das Mediações, associada a Martin Barbero, está fora dos estudos desenvolvidos na Europa e Estados Unidos. Mesmo ampliando a questão para a distribuição regional de autores, nota-se o predomínio dos Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha, México e Colômbia – e a ausência de qualquer estudo vindo da África, Ásia, ou Europa Oriental.

Some-se a isso a tendência de atribuir características comuns a pensadores originários do mesmo local, transformando agrupamentos geográficos em características epistemológicas (a pesquisa Norte-Americana é Funcionalista, a alemã é Crítica e daí por diante). Com isso, perde-se uma visão mais nuançada da produção teórica, atribuída a poucos espaços.

Não são poucos os estudos que questionam esse aspecto, definindo seus espaços de produção como um fator de importância na elaboração dos discursos teóricos.

Escrevendo vinte anos atrás, Ito (1990) mostrava a tensão entre os estudos de Comunicação desenvolvidos no ocidente e sua circulação para a compreensão da cultura japonesa. No mesmo ano, Chafee; Gomez-Palacios; Rogers (1990) mostram como questões culturais, sociais e políticas estão relacionadas à diferença entre as pesquisas norte-americanas e latino-americanas em termos comparativos.

De modo mais específico, Preston (2006) estuda o que denomina “internacionalização” dos Estudos Culturais que, ao mesmo tempo, não deixam de ser *British Cultural Studies*, enquanto Carlsson (2007) traz as especificidades da pesquisa feita nos países nórdicos, discutindo as heranças e as especificidades da pesquisa local, bem como diálogos com outras tradições.

Miike (2007), na trilha de Ito, reforça a questão do pensamento comunicacional na Ásia, enfatizando os caminhos originais da pesquisa nesses países.

Craig (2007) define essa questão trabalhando a maneira como temas e aspectos culturais estão presentes nas Teorias da Comunicação.

Mas a desconstrução das condições de produção do discurso teórico sobre Comunicação não se limita à questão geopolítica.

Limitações impostas pelas políticas identitárias, sobretudo de gênero, também vêm sendo questionadas, principalmente quando se observa a invisibilidade das mulheres na Teoria da Comunicação –levantamentos feitos por Martino (2008; 2017) indicaram a quase inexistência de teóricas da Comunicação nos livros sobre o assunto. Natalle (1991) mostrava de que maneira as questões de gênero se articulavam na pesquisa em Comunicação, ao passo que Rowland; Simonson (2014) reescrevem a genealogia dos estudos da área resgatando as “mães fundadoras” dessa tradição.

O predomínio das questões geopolíticas pode ser notado, no entanto, pelo número de trabalhos dedicados a isso. Em particular, a preocupação com a especificidade das pesquisas em Comunicação na América Latina vem atraindo a atenção em termos de sua ligação com problemas regionais.

Hohfeldt (2008) mostra como as pesquisas norte-americanas e europeias estiveram na raiz da fixação de modelos brasileiros. Fuentes Navarro (1999), Melo (2002), Berge (2005) e Gushiken (2006) apresentam sumários dessa questão, indicando como os estudos latino-americanos vêm se constituindo em torno de um conjunto de problemas, mais do que de saberes específicos, relativos às condições históricas e políticas do continente. Em uma chave propositiva, Maldonado (2004; 2008) argumenta pela originalidade do pensamento da América Latina como espaço paradigmático de pesquisa.

A trilha é seguida por Silva (2017). Ele se propõe, a partir de um detalhado estudo empírico, a observar a presença da América Latina nos estudos brasileiros de Comunicação. São observadas três revistas, todas classificadas no estrato Qualis A2, a saber, a *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom*, a *Revista E-Compós* e a *Brazilian Journalism Research*. De um total de 439 artigos, contabiliza 15 estudos sobre América Latina e 18 a respeito de países latino-americanos.

A partir desses dados e das proposições teóricas avançadas pelo autor é possível discutir alguns elementos da diversidade epistemológica na Teoria da

Comunicação, tomando como base a intersecção entre questões políticas e epistemológicas assinaladas em outros momentos (MARTINO, 2012; 2014).

O *corpus* selecionado por Silva (2017) evidencia dois problemas imediatos da área. Duas revistas são de Comunicação, enquanto uma é de Jornalismo. Essa diferença não é, ao que tudo indica, resultado de uma diferença de escopo, mas de compreensão a respeito dos limites da área de Comunicação e sua abrangência no sentido de compreender também as pesquisas em Jornalismo – ou a necessidade desta última de constituir uma área autônoma do saber. É possível questionar, nesse sentido, se a presença de uma terceira revista A2 como a *Galáxia* ou a *Comunicação, Mídia e Consumo*, publicadas respectivamente pela PUC-SP e ESPM, teriam mostrado um panorama diferente por se dirigirem a uma área específica, a Comunicação.

No mesmo sentido, o autor menciona a “invisibilidade” da América Latina nos periódicos mencionados, indicando, no entanto, a existência de uma Escola Latino-Americana de Comunicação que, na esteira de Berger; Schwaab (2014), se definiria a partir de especificidades relacionadas às temáticas e aportes, sobretudo pautados em uma perspectiva cultural híbrida.

Ao traçar um histórico da pesquisa latino-americana, Silva (2017) resgata momentos na formação das pesquisas no continente; e aponta corretamente para a dependência epistemológica em relação ao que Hohfeldt (2008) denomina as “correntes hegemônicas” do pensamento comunicacional. Seguindo estudos de Melo; Peruzzo e Berger; Schwaab, Silva (2017) indica uma progressiva autonomia dos estudos da área até a formação de proposições epistemológicas próprias, constituindo-se como uma “escola”.

Essa perspectiva é contraditada por L. C. Martino (2011). Sua argumentação, em termos breves, avança a perspectiva da inexistência dessa “escola”, exceto sob a ótica de uma genealogia que destaca, a seu ver de maneira equivocada, apropriações epistemológico-disciplinares na constituição de problemáticas de pesquisa vagamente unidas por uma perspectiva “política” em torno de determinados temas.

É questionável, nesse ponto, em que medida, ao assinalar uma genealogia como Escola Latino-Americana, não se está também traçando uma narra-

tiva a respeito da criação de teorias que se volta, sobretudo, para a definição de aspectos político-epistemológicos. Em que medida, pode-se perguntar, trata-se da elaboração de um pensamento relativamente autônomo ou da adoção de matrizes epistemológicas que, ao se afastarem de uma perspectiva estadunidense, não estabelecem em si outro sistema de filiações, diálogos e reconhecimentos no campo acadêmico?

Nesse sentido, vale recordar, em termos de uma possível problematização, que um dos principais autores mencionados na perspectiva latino-americana, Jesus Martin Barbero, é europeu, ao mesmo tempo em que outros latino-americanos, como Verón e Canclini, tiveram parte de sua formação e atuação em universidades europeias e norte-americanas.

Esse tipo de problemática parece exigir o retorno para a questão sobre a pertinência de uma pesquisa a uma área, escola ou mesmo a uma disciplina. Na medida em que é possível perguntar, em termos epistemológicos, “o que é uma pesquisa em Comunicação?”, parece ser igualmente possível questionar “o que faz de uma pesquisa uma ‘pesquisa latino-americana?’”.

2. O espaço das condições sociais

As dinâmicas sociais do conhecimento parecem estar ligadas a diversas condições políticas, sociais e epistemológicas. A historicização do conhecimento indica como as transformações nos modos de conhecer, bem como no que é considerado “conhecimento”, se relacionam com variáveis, às vezes, de difícil identificação.

A proposta da ciência como abertura e dinâmica, desenvolvida, entre outros, por Bachelard (1976), Wallerstein (1996) e Santos (2001), se articula com as condições específicas de produção de conhecimento realizada dentro de espaços disciplinares historicamente constituídos, na perspectiva de Foucault (2007), ou de “campos”, na denominação de Bourdieu (1978; 1980).

Uma das perguntas clássicas da epistemologia diz respeito às condições sociais que permitem o desenvolvimento de determinadas ideias e conceitos. Ou, em outras palavras, entender porque determinadas concepções nasceram em

um tempo e num lugar específicos – por que não em outro local, por que não antes ou depois historicamente.

No caso da Teoria da Comunicação é possível observar que o aparecimento de novas teorias é, por vezes, creditada à emergência de novos ambientes midiáticos, responsáveis, por seu turno, por orientar questões epistemológicas. Vários autores, como Trivinho (2001), Albuquerque (2002) e Felinto (2011) parecem sugerir essa dimensão.

No entanto, não se pode deixar de lado o fato que a entrada de outras vozes no diálogo teórico da Comunicação se deve também ao aparecimento de novos atores, situados em lugares de fala diferentes dos anteriores. Algumas das novas ideias no diálogo teórico são trazidas por pesquisadoras e pesquisadores que, conquistando seu espaço no debate teórico, pensam a Comunicação a partir de seus questionamentos, vivências e experiências.

É necessário, seguindo uma advertência feita, entre outros, por Löwy (2005), no sentido de evitar qualquer leitura “ingênua” ou “vulgar” desse processo, escapando de qualquer tipo de automatismo. O próprio Engels (2000) advertia sobre a necessidade de compreender as condições materiais de produção “em última instância” como responsáveis pelas práticas sociais.

Essa premissa não se preocupa diretamente com a pertinência das ideias em seu campo específico de atuação, mas, sobretudo, com as possibilidades de surgimento e desenvolvimento de determinadas formas de pensar, tanto em termos de senso comum quanto de conhecimento acadêmico – quando cabe usar esta expressão – responsáveis por definir os diversos *corpora* de conhecimentos de uma área.

O objetivo não é trabalhar uma explicação pontual do aparecimento desta ou daquela ideia em seu detalhe, mas compreender, no conjunto, quais fatores permitiram a emergência deste ou daquele modo de pensar dentro de um local e tempo determinado. A pergunta é pelas condições sociais de produção do saber, não pelo saber específico criado nessas condições.

É, portanto, como uma crítica ao mecanicismo presente em algumas análises que se pode endereçar alguns questionamentos às relações entre condições específicas de formulação de um discurso e uma aderência mecânica ao

seu momento de produção. Sobretudo quando se trabalha em espaços intermediários ou de trânsito, parece ser igualmente importante acentuar a importância das condições materiais de produção do discurso e os limites impostos por uma perspectiva mecanicista responsável pela formulação de conceituações generalistas e generalizantes, que deixam de lado as transformações e contradições na raiz dessa perspectiva.

Isso levaria, em última instância, a questionamentos quase anedóticos, por exemplo, “a filosofia de Descartes, francês que escreveu na Holanda, é ‘francesa’ ou ‘holandesa?’”, e assim por diante, por mais que, nos manuais de história do pensamento, se fale em “empirismo inglês” ou “idealismo alemão” – prática que, como veremos, acontece com relativa frequência na Comunicação.

Esse tipo de classificação, no máximo, permite uma localização imediata de determinadas figuras em termos geográficos, mas seria difícil acentuar esta ou aquela característica fundamental de sua epistemologia a partir de um olhar imediato sobre as condições geográficas de sua produção – se entendidas apenas enquanto termos de uma localização espacial ou cronológica.

Mais do que procurar uma relação de causa e efeito entre as condições de produção de um discurso, torna-se necessário problematizar em que medida estamos falando, efetivamente, do conflito dialético das condições de produção entendidas como forma específica de criação do conhecimento.

O questionamento a respeito das possibilidades de formulação de um discurso, na opção por observar contradições de origem - mais do que adicionar classificações mecânicas e eventualmente redutoras -, permite compreender alguns aspectos do estatuto epistemológico, mas, sobretudo, axiológico, presente na definição dos conceitos e ideias da Comunicação.

3. Pensar os vínculos sociais da teoria

Isso parece ter desdobramentos no âmbito da Teoria da Comunicação. Traçar uma história das Teorias da Comunicação é também um exercício de referência, mais ou menos direto, às condições contextuais específicas que presidem sua criação, em termos epistemológicos e políticos.

Como indicam França; Simões (2016), a definição mais comum das Teorias da Comunicação está vinculada a padrões geográficos. Dessa maneira, é comum encontrar nos manuais acadêmicos denominações como Escola de Frankfurt, Pesquisa Norte-Americana ou Estudos Latino-Americanos, conferindo certa de confluência epistemológica aonde não existe nada mais do que uma unidade geográfica, como discutido anteriormente.

No entanto, a partir do aporte da Sociologia do Conhecimento, sobretudo em sua vertente crítica das condições de produção, é possível tentar, neste item, um esboço de síntese entre as premissas e as questões empíricas apresentadas.

O que se chama costumeiramente de Teoria da Comunicação é um conjunto de conceitos altamente heterogêneos, discutindo uma pletora de assuntos com limites e contornos epistemológicos pouco definidos (FRANÇA, 2001; L. C. MARTINO, 2007; BRAGA, 2010; L. M. MARTINO, 2008; 2012; 2017). A diversidade nas Teorias da Comunicação tende a parar por aí.

O que se denomina Teoria da Comunicação é um conjunto de ideias formuladas em universidades e centros de pesquisa norte-americanos, ingleses, franceses e alemães. Mesmo pensadores oriundos de outros espaços, quando surgem, estão de alguma maneira associados a esses países.

Dessa maneira, o que costumamos chamar de “pensamento comunicacional” é, de alguma maneira, o desdobramento de ideias criadas em ambientes com diferenças profundas em relação ao que é pensado acerca da América Latina, em geral, ou do Brasil, em particular, e mesmo das variedades regionais brasileiras.

O conhecimento produzido sobre Comunicação mantém, em boa medida, a marca de circulação de outros fluxos das ciências, com um trânsito norte-sul muito maior do que sul-norte, levando em conta as possibilidades de avanços e pesquisas parecerem maiores nos países desenvolvidos.

No âmbito da Teoria Literária, a título de comparação, há algumas décadas esse tipo de pensamento vem sendo desafiado, sobretudo a partir dos trabalhos clássicos de Spivak (2006; 2008), Thiong’O (2006) e Johnson (2013). Esses autores questionam o conceito de “literatura” estipulado a partir de um

cânone ocidental nos estudos literários. Mais do que a construção de um cânone “alternativo”, eles procuram, na esteira do pensamento de Derrida, contestar não só a noção de cânone, em si, mas também a articulação de pensamentos binários definidos dentro de uma oposição centro-periferia.

A dicotomia centro-periferia, ou, explicitamente, norte-sul, parece ainda ser muito marcante nos estudos de Comunicação. Essa divisão binária pode ser encontrada, da mesma maneira, em outros aspectos da produção de conhecimento, em particular quando se leva em conta o predomínio masculino na produção científica, algo a ser pensado também na Comunicação.

A declinação “pesquisadores”, no masculino, é tanto uma exigência do idioma quanto uma constatação empírica da ausência de “teóricas” da Comunicação, como assinalado. Embora o número de pesquisadoras seja maior do que o de pesquisadores, os manuais acadêmicos de Teoria da Comunicação não contemplam muitas teóricas – exceção feita à “espiral do silêncio”, de Noelle-Neuman (referência), o que, em termos proporcionais, significa uma porcentagem zero de participação. Dessa maneira, não seria errado apontar a existência do redutor pressuposto de que enquanto homens fazem a “grande teoria”, cabe às pesquisadoras da área “aplicá-la”, “usá-la” ou “desenvolvê-la”.

As diferenças prosseguem também no sentido de verificar as dificuldades de divulgação da produção científica brasileira no exterior. Uma barreira a ser considerada, como recorda, no tocante às Ciências Sociais, Ortiz (2010), é a questão da linguagem. O uso majoritário do inglês ou, em menor escala, do francês e do espanhol como “línguas francas”, naturalizadas do discurso científico, cria uma definição prévia a respeito do que pode ser considerado ciências publicações acadêmicas. A isso seria possível somar as questões relacionadas aos fatores de impacto de produção, algo que escapa às discussões deste texto.

Em segundo lugar, mesmo deixando-se de lado, de maneira hipotética, a questão linguística, há ainda a barreira da circulação de conhecimento no que tange ao acesso a revistas e livros acadêmicos. Em que pese o mérito de iniciativas isoladas, a fatia maior de publicações sobre Comunicação no mercado editorial brasileiro se direciona a autoras e autores brasileiros e euro-americanos. Existe pouca horizontalidade no sentido de publicar pesquisas de outros países

do sul, seja da América Latina, seja da África ou da Ásia – mesmo a África lusófona, com a qual a barreira do idioma estaria superada, não existe no pensamento comunicacional.

Finalmente, em uma escala doméstica, observa-se a predominância de alguns polos de produção e divulgação de conceitos, teorias e ideias a partir de algumas localizações geográficas, tendo como consequência a invisibilidade da produção de pesquisadoras e pesquisadores desvinculados dos grandes centros.

Isso pode ser verificado, da mesma maneira, em termos editoriais: a publicação e a circulação de autoras e autores das regiões Centro-Oeste e Norte é menor do que aquela produzida nas outras – exceto quando a autora ou autor, procedente de uma região, tem seu vínculo universitário em outra. Nesse sentido, a título de exemplo, o trabalho de Silva (2017) é o primeiro oriundo da Universidade Federal do Tocantins a participar do GT Epistemologia da Comunicação, assim como, em outro momento, Malcher; Lopes; Miranda (2015) mostram as potencialidades e limites da circulação de ideias sobre Epistemologia da Comunicação no norte do Brasil.

Considerações finais

O trabalho de Silva (2017) chama a atenção para a escassa presença da América Latina nos estudos de Comunicação. Vale observar a pertinência das colocações do autor no que diz respeito aos vazios e silêncios existentes nas pesquisas da área. Nota-se o predomínio de alguns eixos epistemológicos, historicamente constituídos; recordam França; Simões (2016) que, uma vez tornados parte de um cânone, esses eixos tendem a se cristalizar no sentido de serem “a” Teoria da Comunicação em um processo complexo discutido em outros momentos (MARTINO, 2011).

Se a construção desses eixos temáticos também foi derivada de inúmeras tomadas de posição, definições institucionais e tensões político-epistemológicas, é necessário igualmente pensar como se pode problematizá-lo, de maneira a constituir uma autocrítica da epistemologia. Um dos caminhos, talvez, seja justamente observar, para além das questões iluminadas por esses desenvolvimentos

teóricos, os elementos que são colocados em zonas de sombra epistemológica. O discurso, epistemologicamente disperso, parece ser bastante centralizado e monológico em termos de sua produção.

Há, com isso, uma evidente perda em termos de conhecimento. A ausência de outras vozes deixa de lado também outras temáticas, proposições e questionamentos que poderiam contribuir para o surgimento de novas questões e para o delineamento de problemas estabelecidos.

A diversidade epistemológica oriunda de outros lugares de fala tem uma contribuição ao debate teórico que, talvez, ainda não tenha sido totalmente dimensionada. No entanto, como sugere a história das Teorias da Comunicação, a entrada de novas vozes permitiu o delineamento de novos problemas – talvez o elemento principal para se manter a dinâmica de um conhecimento em ação.

Notas

[1] Do original: “But we are long past the point in communications research when the instincts of native English speakers should have priority!”

Referências

- ALBUQUERQUE, A. Os desafios epistemológicos da comunicação mediada por computador. *Revista Fronteiras*. v. IV, n.2, 2002.
- BERGE, C. A pesquisa em Comunicação na América Latina. In: HOHFELDT, A. et al. *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BRAGA, J. L. Dispositivos interacionais. In: Encontro da Compós, 20, 2011, Porto Alegre. *Anais [...] Porto Alegre: UFRGS*, 2011.
- CARLSSON, U. Media and mass communication research past, present and future. *Nordicom Review*, Jubilee Issue 2007, p.223-229.
- CHAFFEE, S. H., GOMEZ-PALACIO, C.; ROGERS, E. M. Mass communication research in Latin America: views from here and there. *Journalism Quarterly*. v. 67, n. 4, 1990.
- COULDRY, N.; HEPP, A. Conceptualizing mediatization: contexts, tradition, arguments. *Communication Theory*. v. 1, n. 23, p.191-202, 2013 .
- CRAIG, R. T. Issue forum introduction: cultural bias in Communication Theory. *Communication Monographs*, v. 2, n. 74, p.256-258, 2007.

- FELINTO, E. Da Teoria da Comunicação às teorias da mídia. In: Encontro da Compós, 20, 2011, Porto Alegre. *Anais [...] Porto Alegre*: UFRGS, jun. 2011.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? In: MOTTA, L. G.; FRANÇA, V.; PAIVA, R.; WEBER, M. H. (Orgs.). *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: UnB, 2001.
- FRANÇA, V. R.; SIMÕES, P. G. *Curso básico de Teorias da Comunicação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FUENTES NAVARRO, R. La investigación de la comunicación en América Latina: condiciones y perspectivas para el siglo XXI. *Comunicación y Sociedad* (DECS, Universidad de Guadalajara), n. 36, p. 105-132, 1999.
- GUSHIKEN, Y. Dialogismo: emergência do pensamento latino-americano em comunicação. *Comunicação, Mídia e Consumo*. v.3, n.8, p.73-91, 2006.
- HOHFELDT, A. Teoria da Comunicação: a recepção brasileira das correntes do pensamento hegemônico. In: MELO, J. M. *O campo da comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ITO, Youichi. Mass communication theories from a japaneseperspective. *Media Culture Society*. v. 423, n. 12, 1990.
- JOHNSON, B. *The Barbara Johnson reader*. Yale: Yale University Press, 2013.
- MALDONADO, A. E. América Latina, berço de transformação comunicacional no mundo. In: MELO, J. M.; GOBBI, M. C. *Pensamento comunicacional latino-americano*. São Bernardo: Ed. Universidade Metodista, 2004.
- MALDONADO, A. E. Pensamento teórico em comunicação na América Latina: autores cruciais. In: SAID, G. *Comunicação: novo objeto, novas teorias?* Teresina: Ed. UFPI, 2008.
- MARTINO, L. C. Escola Latino-Americana de Comunicação: equívoco teórico-político. In: FERREIRA, G. M. *et ali. Teorias da Comunicação: trajetórias investigativas*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2011.
- MARTINO, L. C. *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MARTINO, L. M. A ilusão teórica em Comunicação. *Revista Famecos*, n. 36, 2008.
- MARTINO, L. M. S. O diálogo entre fatores políticos e epistemológicos na formação do campo da Comunicação no Brasil. *Folios*, v. 28, p. 159-175, 2012.
- MARTINO, L. M. S. O diálogo norte-sul em Teoria da Comunicação: hegemonias, apropriações e resistências nas pesquisas anglo-saxônicas e latino-americanas. *Comunicação & Sociedade*, v. 36, p. 85-106, 2014.
- MARTINO, L. M. S. O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia entre 1967-1986. *Revista Comunicação Midiática*, v. 6, p. 28-39, 2011.

-
- MARTINO, L. M. *Teoria da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MELO, J. M. Ciências da Comunicação na América Latina: itinerário para ingressar no século XXI. Conferência proferida no VI Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação - ALAIC, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 2002.
- MIIKE, Y. Asian contributions to Communication Theory: an introduction. *China Media Research*, v.3(4), 2007, p. 354-368.
- NATALLE, E. Gender and Communication Theory. *Communication Education*. v. 40, n.1, p. 94-98, 1991.
- PRESTON, P. Internationalizing Cultural Studies. *Media culture society*, n. 28, p. 941-962, 2006.
- ROWLAND, A. L.; SIMONSON, P. The founding fathers of Communication research: toward a history of a gendered assemblage. *Critical Studies in Media Communication*. v. 31, n. 1, p. 3-26, 2014.
- SILVA, A. M. América Latina em foco: um balanço das pesquisas latino-americanas de Comunicação em periódicos brasileiros (2012-2016). Trabalho apresentado no 26º Encontro Anual da Compós Faculdade Cásper Líbero, 06 a 09 de junho de 2017.
- SPIVAK, G. C. *In other worlds*. Londres: Routledge, 2006.
- SPIVAK, G. C. *Outside in the teaching machine*. Londres: Routledge, 2008.
- THIONG'O, N. W. *Decolonizing the mind*. Nova York: Ed. Heinemann, 2007.
- TRIVINHO, E. *O mal-estar na teoria*. São Paulo: Quarteto, 2003.